

SUMÁRIO

Introdução	6
Apresentação	3
Parte Primeira	
<i>Ensino de Metodologia nos Cursos de Serviço Social</i>	13
I — Caracterização regional da disciplina Metodologia em Serviço Social nas Unidades de Ensino	20
1. As Unidades de Ensino da Região Norte	20
2. As Unidades de Ensino da Região Nordeste	30
3. As Unidades de Ensino da Região Centro-Oeste	40
4. As Unidades de Ensino da Região Leste	44
5. As Unidades de Ensino da Região Sul II	53
6. As Unidades de Ensino da Região Sul I	61
II — Reflexões sobre a Proposta Pedagógica no Ensino da Disciplina	67
III — As tendências no Ensino da Metodologia em Serviço Social .	69
Parte Segunda	
<i>Metodologia: uma questão em questão</i>	99
1. <i>Concepção de teoria e Metodologia</i> Nobuco Kanneyama	99
* 2. <i>A questão da Metodologia em Serviço Social: reproduzir-se e representar-se</i> Vicente de Paulo Faleiros	117
3. <i>Notas para a discussão da sistematização da prática e teoria em Serviço Social</i> José Paulo Netto	141
4. <i>Metodologia do Serviço Social — a prática como base conceitual</i> Marina Maciel e Franci Gomes Cardoso	162
Parte Terceira	
<i>Recomendações Finais</i>	189

CADERNOS ABESS 3

— A metodologia no Serviço Social

Conselho editorial: Alba Maria Pinho de Carvalho, Ana Maria Petronetto Serpa, Elizete Cardozo, Josefa Batista Lopes, Maria Carmelita Yazbek, Maria Helena de Almeida Lima, Maria Helena Rauta Ramos, Marilda Villela, Nobuco Kameyama e Vicente de Paula Faleiros.

Diretoria da ABESS (Gestão 87/89):

Iustina Iva de Araújo Silva — Presidente
Maria Lúcia Santos Ferreira da Silva — Secretária
Maria Pepita Vasconcelos de Andrade — Tesoureira
Maria Celina Correia Leite — Supl. de Presidente
Maria José Teixeira Peixoto — Supl. de Secretária
Domício Rosendo da Silva Filho — Supl. de Tesoureiro

Conselho Diretivo do CEDEPSS (Gestão 87/89):

Eugênia Celia Raizer — Diretora Executiva
Iustina Iva de Araújo Silva — Presidente da ABESS
Alba Maria Pinho de Carvalho
Marilda Villela Yamamoto
Nobuco Kameyama

Capa: Paulo F. Leite

Revisão: Maria Aparecida Amaral

Coordenação editorial: Ana Cândida Costa

Supervisão editorial: Antonio de Paulo Silva

Os **Cadernos ABESS** são uma edição da ABESS/CEDEPSS — Centro de Documentação e Pesquisa em Políticas Sociais e Serviço Social e da Cortez Editora, os quais aceitam colaboração, reservando-se o direito de publicar ou não o material espontaneamente enviado à redação. Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores. As colaborações devem ser enviadas para a ABESS, Dep. de Serviço Social da Univ. Fed. do Espírito Santo — Campus Universitário — Goiabeira — 29.000 — Vitória — ES.

Edição, Publicação e Comercialização

CORTEZ EDITORA

Rua Barreira, 387 — Tel.: (011) 864-0111

05009 — São Paulo — SP

Impresso no Brasil

Março de 1989

APRESENTAÇÃO

Esta investigação associou o Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com a Associação de Ensino de Serviço Social (ABESS) para analisar as principais tendências presentes na compreensão da metodologia no Serviço Social e seus desdobramentos no processo de ensino e formação profissional dos assistentes sociais.

Em fevereiro de 1987, por ocasião da reunião de Diretoria e Assessores da ABESS realizada em São Paulo, o Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP apresentou aos convencionais a sugestão de ser realizado um mapeamento das tendências e alternativas — postas no ensino de metodologia no interior do novo currículo do curso de Serviço Social. Inicialmente aprovada, foi posteriormente submetida aos participantes da XXV Convenção da ABESS, em setembro do mesmo ano. A partir dessas discussões foi formulada uma proposta de trabalho marcada por duas grandes preocupações: levantar os informes das várias unidades de ensino sobre a questão de metodologia, e, ao mesmo tempo, articular, a nível nacional, o debate e aprofundamento da questão.

Tais perspectivas trouxeram para o interior desta investigação um embate entre o caráter exploratório, que a perspectiva de um mapeamento traduz, com o de sua superação na busca de um grau de explicitação capaz de mostrar os eixos pelos quais se constituem as tendências no ensino da disciplina de metodologia no interior dos cursos do Serviço Social, bem como no pensamento dos intelectuais que vêm discutindo o tema.

Para dar conta dessas duas dimensões, o formato desta investigação adquiriu peculiaridades produzidas pela:

- coleta de dados a nível de cada unidade de ensino analisados do ponto de vista regional e nacional, no período de setembro de 1987 a março de 1988;

- a articulação com as regionais da ABESS, de momentos de debates coletivos, a nível nacional e regional, para problematização da questão; realização de um seminário do núcleo de pesquisadores para análise dos dados obtidos e polemização dos diferentes pensamentos sobre a questão da metodologia no Serviço Social, em São Paulo, em abril de 1988;

- o relatório final foi apresentado inicialmente em julho de 1988 para a aprovação dos pesquisadores, sendo esta publicação sua versão final.

PROMOÇÃO:

- Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social — PUC-SP.
- Associação Brasileira de Ensino do Serviço Social (ABESS).
- Gestão Justina Iva de Araújo.

PESQUISADORES:

Aldatza Sposati (PUC-SP — São Paulo, Coordenadora)
 Consuelo Quiroga (PUC-MG — Belo Horizonte)
 Denise Câmara Carvalho (UFRN — Natal)
 Franci Gomes Cardoso (UFMA — São Luís)
 José Paulo Netto (UFRJ — Rio de Janeiro)
 Maria Elvira Rocha Sá (UFPA — Belém)
 Maria Eulália Moreira (PUC-MG — Belo Horizonte)
 Maria Lúcia Santos F. Silva (UFRN — Natal)
 Maria Rachel Tolosa Jorge (PUC-SP — São Paulo)
 Maria Rosângela Batistoni (PUC-SP — São Paulo)
 Marilda Villela Yamamoto (PUC-SP — São Paulo)
 Marina Maciel Abreu (UFMA — São Luís)
 Nobuco Kameyama (PUC-SP — São Paulo)
 Odária Battini (UFEL — Londrina)
 Rosa Maria Ferreiro Pinto (UNISantos)
 Vicente de Paula Faleiros (UnB — Brasília)

- Período: junho de 1987 a agosto de 1988
- Patrocínio — CNPq

O trabalho foi garantido através da colaboração de várias pessoas, que embora, neste momento, não sejam pessoalmente nominadas, estão

aqui incluídas com os agradecimentos de todos nós do núcleo de pesquisadores.

A base empírica desta pesquisa se constituiu dos informes recebidos sobre os conteúdos ministrados na disciplina de Metodologia do Serviço Social no primeiro semestre de 1987, em 60% das unidades de ensino brasileiras. O debate intelectual aqui resgatado tem como marco as questões postas pela implantação do novo currículo do Serviço Social a partir de uma perspectiva crítica às construções e formulações anteriormente elaboradas pelo Serviço Social. O resgate desse debate se faz pois entre intelectuais de uma perspectiva analítica similar, preocupados em compreender o significado social e histórico da profissão e os desafios que lhe são colocados.

Embora reconhecendo o caráter exploratório e talvez até incipiente dos dados obtidos, o mérito desta pesquisa está na possibilidade que trouxe em explicitar o debate sobre a questão da metodologia, do modo como se põe hoje para o Serviço Social. Esta foi, sem dúvida, sua grande contribuição à profissão.

INTRODUÇÃO

O trabalho dos pesquisadores que, sob a iniciativa da PUC-SP, o apoio da ABESS e o patrocínio do CNPq, desenvolveram a pesquisa exploratória cujo quadro geral é agora apresentado, deve ser considerado, tomando em conta o cenário macroscópico em que se efetuou. É precisamente este cenário que pode oferecer o real enquadramento dos dados recolhidos, a sua significância e as condições para apreciar os resultados a que se chegou.

A caracterização deste cenário, ainda que esquemática, supõe a referência ao panorama institucional da universidade brasileira, a inserção nele das unidades de ensino do Serviço Social e o próprio andamento da reformulação curricular nelas operada.

É conhecida a crise da universidade brasileira, para a qual contribuiu decisivamente a política educacional do regime autocrático-burguês. Com efeito, a crise da universidade, no Brasil, não se identifica sumariamente com a crise desta instituição no mundo contemporâneo. Antes, é um processo peculiar, que está estreitamente vinculado à política que a ditadura implementou sistematicamente desde a "Reforma" de 1968.

O desenho geral desta política já está suficientemente analisado por inúmeros especialistas, assim como suas resultantes mais profundas¹. Tais resultantes transcendem largamente o marco do ciclo ditatorial: a superação dos estrangulamentos autocráticos não equívale, automática e simetricamente, à superação das suas incidências na vida acadêmica. As duas décadas da ditadura vulnerabilizaram em tamanha escala a instituição universitária que a ultrapassagem da sua herança está longe de ser uma realidade — ainda é, em medida substancial, um projeto.

1. E larga a biblioteca que trata a política educacional da ditadura e suas consequências. Entre muitos títulos, cf.: Chauí (1978:8), Berger (1980:22 e 1980), Cunha (1986), Freitag (1986), Romanelli (1987).

A consecução deste projeto, em diferentes níveis e locais, já é visível no panorama acadêmico do país. Pode-se mesmo afirmar que o projeto está em processo. Graças sobretudo às pressões exteriores à academia e aos esforços das vanguardas docentes (esforços que estariam potenciados se o movimento estudantil não se apresentasse tão atomizado, nos últimos cinco anos, avançaram ponderavelmente vetores que buscam a democratização da universidade (interna e externa), a sua inserção na dinâmica social concreta e a renovação dos seus parâmetros de competência e qualidade. No entanto, este processo defronta-se com enormes dificuldades, elas mesmas ou produtos da herança ditatorial ou implicações dos dilemas sócio-econômicos e ídeo-políticos que estão pontuando as vias de transição à democracia.

O que as circunstâncias atuais configuram, no clima de perplexidade típico de situações em que uma transição se opera sem rupturas de base, é que a crise universitária se condensa numa instituição que foi visceralmente degradada².

Confluem entretanto para engendrar o perfil contemporâneo da nossa universidade uma instituição degradada, aviltada, onde se acumulam incompetência e falta de compromisso profissional e acadêmico, que vê em xeque as suas próprias reservas de força e padecer

2. Constatase esta degradação na baixa qualidade do ensino, na debilidade da extensão e da pesquisa, na produção docente e na marginalização sociopolítica da instituição em face das decisões societárias. É possível qualificar este processo em três níveis, naturalmente entaçados e interagentes: ídeo-político (o aviltamento da autonomia acadêmica, com todas as suas implicações), sócio-econômico (as dotações orçamentárias insuficientes para o ensino público e a mercantilização do ensino privado) e funcional (a qualidade científica e intelectual dos seus quadros docentes comprometida pelos sistemas de reprodução e pela evasão e os padrões de sua dinâmica interna, que se burocratizou essencialmente).

As incidências desta degradação podem ser tomadas qualitativa e quantitativamente. No plano qualitativo, Giannotti é compelido a constatar que "parece inegável que a produção intelectual de hoje irremediavelmente marcada pela presença da universidade, não tem o alento e o gosto da aventura que marcaram as obras da década de 20" (Giannotti, 1987:28). Para indicá-las quantitativamente, a avaliação mais recente é de uma publicação que, mesmo sem possuir estatuto científico, desfrutava de credibilidade; segundo esta publicação, que registrou 4.025 cursos universitários brasileiros, 47,3% deles são fracos, 29,1% regulares, 17,9% bons, 4,7% muito bons e só 1% excelentes; em relação aos cursos de Serviço Social, os melhores deles (15) só alcançam o nível de bons (*Guia do Estudante*, 1988).

de problemas que já não podem mais ser creditados imediatamente à coação e aos constrangimentos político-sociais exteriores a ela³. Trata-se, em suma, do conjunto de questões que, há pouco, conhecido pensador clarificou, ao assinalar à dramática alternativa dos dias correntes: a universidade debatendo-se com a perspectiva da barbárie (Giannotti, 1987).

Ora, pensar o ensino do Serviço Social, sob qualquer ângulo e com qualquer intencionalidade, implica ponderar a gravitação deste panorama. Ainda que se deva enfatizar sempre o papel positivo que a inserção dos cursos de Serviço Social no âmbito maior da universidade representou para a profissão, não se pode deixar de verificar que poucas formações profissionais mostraram-se tão vulneráveis quanto a nossa à maré-montante da degradação do ensino superior⁴: a política de descarrado favorecimento à chamada "iniciativa privada" está na base da multiplicação de unidade de ensino, especialmente isoladas, e, em nosso caso específico, teve resultantes peculiares. Aqui, a relação ensino público/ensino privado possui particular incidência: a hipertrofia deste último repercutiu fortemente na qualidade do padrão público que passou a frequentar escolas⁵, atingiu brutalmente o elemento de desempenho docente⁶ e, muito notavelmente, introduziu um elemento de perturbação no sistema de articulação das unidades de for-

3. Insiste-se em que aqui se traça um quadro amplo e geral. O processo antes referido, em áreas e instituições localizadas, avança na contracorrente e registra progressos efetivos, que não devem e não podem ser menosprezados.

4. R.M.F. Pinto, em *Política educacional e Serviço Social* (1986), oferece elementos para uma primeira aproximação a esta problemática. Sobre o peso específico da privatização na área das ciências humanas, cf. esp. Freitas (1986:110 ss.).

5. Neste passo, entende-se por qualidade o nível de formação-informação com que o público chega às escolas.

6. Que, no mais das vezes — e em função das péssimas condições de trabalho —, passou a constituir um apêndice no conjunto das atividades profissionais do docente. É provável que esta observação não caiba para as instituições do ensino superior público; nelas, 74% dos docentes trabalham em regime de tempo integral, mas só 29% do seu tempo é aproveitado nas salas de aula. Há que notar ainda que, "como os salários em geral são baixos, os benefícios do tempo integral se transformaram numa forma de compensar o mau pagamento. Tanto é assim que a CAPES mostra que, no geral, dentre quatro professores neste regime, apenas um pesquisa de fato" (Giannotti, 1987:77). Por outro lado, as instituições superiores públicas apresentaram a mais alta relação professor/aluno do mundo ocidental, 1:6,6 (*Guia do Estudante*, 1983:8).

mação⁷. Se se leva em linha de conta a conexão especial que em nosso caso vincula o papel docente (pela mediação da análise crítica da prática profissional e pela relação que com ela deve manter o ensino) ao perfil de profissional perseguido pela escola compreende-se a magnitude do impacto; porém, há que contabilizar um fenômeno paradoxal: existem indicações sólidas de conjunturas nas quais o empenho por uma melhor qualidade do ensino e por uma efetiva renovação profissional transitou e transita pelo setor privado — esta situação se exemplifica por esta pesquisa mesmo, desencadeada e articulada no interior da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Porém, a proeminência do trabalho docente, que parece fora de contestação, não foi diminuída apenas pelas aviltantes condições de trabalho impostas pela maioria (não a totalidade) das unidades de ensino privadas. O mesmo ocorreu, até o caso da ditadura, nas unidades da rede pública — donde amplas dificuldades para renovar e arejar o ensino do Serviço Social.

As indicações mais sólidas, por outra parte, não sugerem que os cursos de pós-graduação existentes estejam contribuindo visivelmente para reverter tais dificuldades; daí, inclusive, a necessidade de integrar a projeção destes cursos no âmbito da resolução dos problemas da qualificação e capacitação docentes verificados nas unidades de ensino da graduação.

Tornando mais complexo e matizado este quadro problemático, comparecem as polêmicas e inflexões teórico-metodológicas e prático-profissionais que atravessam o Serviço Social. O colapso do monolitismo e da unidimensionalidade na consideração dos supostos teórico-metodológicos e ideológicos da profissão, bem como a emergência de propostas diversas, de prática profissional, deu lugar compreensivelmente a uma certa perplexidade, que permeia a função docente. A ausência de um referencial teórico-metodológico e prático consensual tem conduzido ou à nostalgia do passado ou à confusão — e ambas as posturas não colaboram para a ultrapassagem daquela perplexidade, cujos resultados pedagógicos equívocos não são de desprezar.

7. Como se evidenciou no curso da presente pesquisa, são precisamente as unidades particulares (nomeadamente as isoladas) que mais resistência oferecem a uma interação com instituições como a ABESS. Não é casual que os dados mais amplos obtidos pela pesquisa provenham, com raras exceções, de unidades públicas.

Como se constata, a atualidade do ensino do Serviço Social está balizada, de um lado, pela crise geral da instituição universitária brasileira, e doutro, pelas incidências desta crise no âmbito particular da formação profissional — este, também tensionado pelos embates que confrontam diferentes tendências no interior do espectro da profissão. E na confluência deste condicionamento que se insere a pesquisa ora apresentada.

Trata-se, com todas as implicações decorrentes desta caracterização, de uma pesquisa exploratória. Ela não pretendeu mais que traçar o quadro das tendências no Ensino da Metodologia em Serviço Social. Seu objeto foi constituído, expressamente, pela prática docente (tal como a apresentam os professores) em curso nas unidades de formação. Os dados recolhidos através de contatos organizados e direcionados com docentes, reuniões, questionários e seminários foram tomados como o discurso docente sobre a disciplina. A heterogeneidade do material recolhido, decorrência da própria disponibilidade das fontes, não lhe retira a significação: em si mesmo, baliza a problemática que deve ser trabalhada, a partir destes resultados provisórios, mais intensa e sistematicamente.

O tratamento do material recolhido pode ser apreendido na modalidade expositiva com que o apresentamos em seguida: foram organizados e sistematizados segundo as regiões de origem, com uma sinopse introdutória, refigurando a realidade por eles apontada; na sequência, intentou-se salientar as diferenças regionais (e, nalguns casos, no interior da região) e tematizar os seus pontos fortes.

Tal análise permitiu identificar o que se convencionou chamar de tendências e contratendências postas no ensino da Metodologia no processo de formação de assistentes sociais.

Numa segunda parte, a investigação buscou clarear o debate sobre as questões da Metodologia. Para tanto, alguns pesquisadores contribuíram com reflexões pessoais que são transcritas neste documento. Finalmente arrolaram-se algumas recomendações da equipe de pesquisa.

O produto da investigação, nestas circunstâncias, é uma primeira aproximação a um objeto em processo e seus resultados devem ser tomados com as cautelas pertinentes a toda pesquisa exploratória. Mas, simultaneamente, ela permite determinar com fundamento novas linhas de investigação, a serem exploradas com mais rigor e precisão — e

permite (e isto parece essencial na conjuntura vivida no ensino do Serviço Social) estabelecer com alguma nitidez os condutos por onde estão transiando os vários projetos pedagógicos sem os quais a reprodução da categoria profissional é impensável.

Bibliografia

- BERGER, M. P. V. Estado, sociedade e educação no Brasil. *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- _____. *Educação e dependência*. Rio de Janeiro, Difel, 1980.
- CHAUI, M. S. A reforma do ensino. *Discurso*. São Paulo, Hucitec, 1978.
- CUNHA, L. A. R. *A Universidade Temporã*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986.
- FREITAG, B. *Escola, Estado e sociedade*. São Paulo, Moraes, 1986.
- GIANNOTTI, J. A. *A Universidade em ritmo de barbárie*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- GUIA DO ESTUDANTE*. Cursos e profissões/1988. São Paulo, Abril, 1988.
- PINTO, R. M. F. *Política educacional e Serviço Social*. São Paulo, Cortez, 1986.
- ROMANELLI, O. O. *História da educação no Brasil (1930-1973)*. Petrópolis, Vozes, 1987.